

Chuânccio – uma outra forma de pensar

Sylvio R. G. Horta

sylvioh@usp.br

"... as coisas se apresentam sob diversas formas. Elas se transformam umas nas outras. O seu início e fim são como um círculo, onde nenhuma das partes é mais princípio do que as outras..." (cap. 27 de Chuânccio)

Chuânccio¹ divide com Laozi o papel de principal representante da corrente de pensamento taoísta, uma das duas correntes fundamentais do pensamento chinês, sendo a outra o confucionismo. Poderíamos afirmar, sem muito exagero, que a história do pensamento chinês consiste na busca do equilíbrio entre essas duas escolas, exceção feita ao pensamento budista - vindo da Índia - e, recentemente, ao pensamento ocidental.

Chuânccio pertence ao grupo de pensadores da era pré-Qin, ou seja, pertence à *Era dos Estados Combatentes*, que se caracterizou como tempo de grandes mudanças na estrutura da sociedade chinesa. Momento de crise, propício para o surgimento de novas formas de pensar. A incerteza no agir gera a busca da certeza. A intranquilidade, a busca da tranquilidade interior.

Procuraremos nos aproximar do pensamento de Chuânccio, da sua visão da realidade através de perspectivas que, certamente, são estranhas a ele. Perspectivas desenvolvidas no século XX, mais de 2000 anos posteriores à sua época. Desse modo, estaremos satisfeitos em dar uma primeira investida, usando o que Ortega chamou de “método de Jericó”, que são rodeios em torno de determinado tema até que consigamos derrubar a muralha que nos separa.

A maioria dos conceitos que usamos para pensar a realidade: matéria, forma, potência, ato, energia, natureza, ser, essência, substância

¹. Proponho o uso de Chuânccio para Zhuangzi, já que *Kongfuzi* foi vertido para Confúcio e Mengzi para Mêncio.

etc., procede do pensamento grego. Mais ainda, as próprias línguas que serviram e servem de base ao pensamento ocidental, condicionam-nos a ver a realidade como *coisa*. Quando queremos captar o movimento, nossos artigos o definem, o substantivam. Dizemos *o* movimento. Há uma barreira sempre que tentamos captar, conceituar as realidades que não são coisas.

No século XX, pela primeira vez, a filosofia chegou a ver com clareza os limites da nossa tradição. Temos, agora, os recursos conceituais necessários para se chegar a uma filosofia que se fundamente a partir da perspectiva pessoal e biográfica. Mesmo assim, Ortega y Gasset comenta sobre as dificuldades que temos ao falar sobre a própria realidade - a vida de cada um. Somos forçados a declarar uma série de contradições como "a vida não é *coisa* nenhuma, na verdade nem *é*" ou que "a substância da vida é perigo" ... E se quisermos que essas afirmações não pareçam mero jogo de palavras, faz-se necessário um enorme rodeio, até que possamos vivificar esses conceitos.

A importância de se partir de uma perspectiva pessoal e biográfica para o estudo do pensamento chinês está em que – pelo que posso ver - é dessa intuição básica - a de que a nossa vida é um acontecimento, um drama, de que há uma interdependência entre sujeito e objeto -, que parte o pensamento de Chuânncio.

Trata-se, na verdade, da forma original de se ver o mundo dos principais filósofos clássicos da China e que parece se identificar – pelo menos em parte - com a perspectiva da filosofia de Ortega y Gasset, a filosofia da razão vital.

O fato de que a língua chinesa comum e, especialmente, a sua forma escrita clássica reflita essa visão da realidade, vem a corroborar essa suposição. No chinês não há artigos para se definir, para se substantivar as palavras. Os termos se definem mais por suas relações e há uma folga maior para os sentidos. Há mais sugestividade do que delimitação. No caso de Chuânncio - como no de Laozi - isso é levado ao extremo: questiona-se a validade da própria palavra. Compare-se, também, as obras com mais de 30 volumes de um típico filósofo ocidental com o pequeno *Dao De Jing* de Laozi.

Chuânccio, paradoxalmente, é verdadeiro mestre da palavra. Conta fábulas, faz de outros filósofos personagens para expor sua doutrina (Confúcio, por exemplo, aparece muitas vezes em sua obra defendendo idéias que, sem dúvida, não lhe pertencem). Sua prosa - poética - está impregnada de humor. É dele a conhecida história de que teria sonhado ser uma borboleta e que ao voar se viu dormindo, ficando perplexo, sem saber se sonhava ser uma borboleta ou se era uma borboleta que sonhava ser Chuânccio.

Chuânccio joga com a linguagem. Usa-a como um instrumento para levar os outros - transportá-los - a uma nova perspectiva. Sabe que a felicidade e o conhecimento comuns estão ligados sempre a alguma coisa. Por isso, são relativos, dependem sempre de algo. Em uma de suas histórias típicas, fala-nos de um sábio que era tão elevado que sabia cavalgar o vento. Mas comenta que sua felicidade era relativa, já que dependia do vento para se realizar.

Fala também de um saber que é um não-saber. De um saber que se opõe ao saber mundano das coisas. Ele busca essa forma de não-saber que é um saber absoluto. O mesmo que nos levará à felicidade absoluta.

Trata-se da perspectiva do *Dao*. Instalados no *Dao*, estaremos em harmonia com o Universo, seremos um com ele. Já que o *Dao* é justamente essa mudança eterna, esse acontecer que não é coisa nenhuma, mas do qual todas as coisas participam.

Como nos diz Chuânccio: o universo é um, ao falarmos dele já somos dois, ao perceber isso, três e assim *ad infinitum*. Isso nos leva a perguntar se será possível escaparmos do condicionamento que nossa linguagem nos impõe.

Talvez esse caminho que nos leve para além da linguagem possa ser trilhado através de uma lógica mais ampla, onde caibam as metáforas, o simbólico, o mitológico. E mais, onde haja algo que se assemelhe à meditação oriental, aos rituais. Algo como um pensar com o corpo. Há muito o que se aprender nessa área ainda pouco conhecida por nossa tradição filosófica. Se nos textos há referências à respiração, à técnicas de

meditação, como ignorar isso e tentar reduzir todo debate a um debate sobre conceitos?

Chuânccio, apesar de seu isolamento, não deixou de ter um pensamento político. Desenvolveu o conceito sobre a não-ação (*wuwei*), que não significa passividade, mas que lembra mais o Deus aristotélico que move tudo sem se mover². Propôs que o governante deveria interferir o mínimo possível, apenas escolhendo os melhores para cada posição. Criticou as regras artificiais e valorizou a liberdade do indivíduo e sua espontaneidade, juntando-se à corrente taoísta que opõe-se a toda espécie de totalitarismo político.

Acabada a primeira volta em torno da filosofia de Chuânccio, deixamos para uma segunda investida o importante aspecto da semelhança que há entre o pensamento taoísta e o budismo. Será da confluência de ambos que surgirá a escola Chan (Zen), que é, poderíamos dizer, como que a interpretação chinesa do budismo.

². Precisáramos, na verdade, recuperar o recurso que as línguas antigas possuíam: a voz média. Teríamos, então, como expressar esse fazer que é também um *se deixar fazer*. Buscar a *espontaneidade* de se estar no *Dao*. Algo entre o passivo e o ativo, ou melhor, a síntese de ambos.